

A INSURREIÇÃO DA CONSTANTE FLORINDA NAS SUAS DIVERSAS POSIÇÕES-SUJEITO

Ingrid Karina Morales Pinilla¹
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira²

RESUMO

Com o suporte teórico da análise do discurso de linha francesa, analisamos o efeito sujeito-discursivo na protagonista da narrativa portuguesa *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda* (1625), de Gaspar Pires de Rebelo. Observamos as posições-sujeito donzela-peregrino para a protagonista Florinda, considerando os desdobramentos do sujeito-discursivo (SD). Inicialmente identificada com a formação discursiva (FD) das nobres donzelas, a culta e inteligente Florinda (SD1) era também destra nas artes, línguas estrangeiras, esgrima e equitação, circunstâncias que facilitaram a ruptura da FD anterior e o ingresso na dos aventureiros peregrinos. Inscrevendo-se na posição e na forma-sujeito correspondentes a esta nova FD, desaparece o SD1 e nasce o SD2, Leandro. Nesta posição-sujeito, ele protagoniza dois acontecimentos: um discursivo, ao desidentificar-se com a FD anterior, e um enunciativo, quando assume uma contraidentificação com a posição-sujeito herói, o qual é constatado nas alusões intertextuais explícitas ao herói Amadis de Gaula. Portanto, verificamos que nas suas distintas posições-sujeito, Florinda se insurge apresentando uma atitude reivindicativa e transgressora, dessa maneira ela representa uma renovação da figura feminina na literatura portuguesa seiscentista.

Palavras-chave: *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*; Sujeito donzela-peregrino; Travestismo na literatura portuguesa seiscentista.

RESUMEN

Con fundamento teórico en el análisis del discurso de línea francesa, analizamos el efecto sujeto-discursivo en la protagonista de la narrativa portuguesa *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda* (1625), de Gaspar Pires de Rebelo. Observamos las posiciones-sujeto doncella-peregrino para la protagonista Florinda, considerando los desdoblamiento del sujeto-discursivo (SD). Inicialmente identificada con la formación discursiva (FD) de las nobles doncellas, la culta e inteligente Florinda (SD1) era también diestra en las artes, lenguas extranjeras, esgrima y equitación, circunstancias que facilitaron la ruptura de la FD anterior y el ingreso en la de los aventureros peregrinos. Inscribiéndose en la posición y en la forma-sujeto correspondientes a esta nueva FD, desaparece el SD1 y nace el SD2, Leandro. En esta posición-sujeto, él protagoniza dos eventos: uno discursivo, al desidentificarse con la FD anterior, y uno enunciativo, cuando asume una contraidentificación con la posición-sujeto héroe, lo cual es constatado en las alusiones intertextuales explícitas al héroe Amadís de Gaula. Por lo tanto, verificamos que en sus distintas posiciones-sujeto, Florinda se rebela presentando una actitud reivindicatoria y trasgresora, de esa manera ella representa una renovación de la figura femenina en la literatura portuguesa seicentista.

Palabras clave: *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*; Sujeto doncella-peregrino; Travestismo en la literatura portuguesa seicentista.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

² Orientadora, professora adjunta no Departamento de Língua e Literatura Portuguesa (DLLP) e no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tomamos a Análise do Discurso (AD), de Michel Pêcheux, como suporte teórico para considerações sobre as posições do sujeito donzela-peregrino da protagonista Florinda, a partir de fragmentos do romance *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*.

O livro *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda – Constante Florinda I -*, foi publicado pela primeira vez em 1625, e sua continuação se deu em 1633, intitulada *Constante Florinda parte II, em que se dá conta dos infortúnios de Arnaldo buscando-a pelo mundo*. O livro completo ficou conhecido pelo título *Constante Florinda*. Esta foi a obra mais popular de Gaspar Pires de Rebelo (1590 e falecido pouco antes de 1643), que, apesar de ter sido um dos escritores portugueses mais reconhecidos no século XVII, como aponta Nuno Júdice nas citações da edição da *Constante Florinda* de 2005, na atualidade pertence a um quase ignorado grupo de prosadores portugueses do Barroco. O citado ensaísta explica:

Duas razões se podem apontar, para lá do nosso desleixo crônico em relação ao passado: o facto de ter vivido sob o período filipino; e, sobretudo a sua inscrição na prosa de ficção barroca, tão desconsiderada como simples jogo formal (JÚDICE, 2005, p. 10).

Gaspar Pires de Rebelo, com sua *Constante Florinda*, foi um dos autores mais lidos nos séculos XVII e XVIII, mas quase não aparece nos livros de história da literatura portuguesa a não ser de forma muito sucinta ou como rodapé, conforme se verifica no livro de Joaquim Ferreira (1971) no qual autor e obra são descritos brevemente, e em António José Saraiva & Óscar Lopes (1982) são referidos em duas linhas, num curto suplemento ao capítulo destinado a Dom Francisco Manuel de Melo.

A personagem principal do romance, Florinda, é um sujeito que se traveste para manter seu ideal de fidelidade, nessa posição passa por diversas aventuras referidas na obra como infortúnios. Também, são estabelecidas estreitas relações da protagonista com a figura do herói Amadis de Gaula, de forma que se ressaltam suas características heroicas. Ainda, Florinda acaba transgredindo não só a posição da mulher do século XVII como o arquétipo dos heróis convencionados à literatura da época.

Florinda, filha de nobres pais, distinguidos tanto por suas riquezas como por sua nobreza, nasceu na populosa cidade de Saragoça na Espanha. Sempre demonstrou ser de bom engenho como é descrito a continuação:

Não se contentou só com saber as línguas espanhola, latina, francesa e alguns princípios da italiana, mas deu-se a tanger alguns instrumentos, cantar e dançar a

eles, em que era muito destra, e algumas vezes em uma quinta sua tomava lições de esgrima e passeava em um cavalo, como quem se aparelhava para sair à praça do mundo a correr lanças com a fortuna (REBELO, 2006, p. 40).

Além de ser culta e inteligente, Florinda foi dotada de uma beleza extraordinária, “fermosa, rica, nobre e bem aparentada, ornada de dons da natureza (que com ela havia sido liberal, como com outras avara) e destra em tantas artes adquiridas” (idem, p.41).

Aos vinte anos de idade, Florinda começou a amar Arnaldo, trocaram epístolas apaixonadas, conversavam às ocultas nos recôncavos da noite. Tudo era felicidade até que diante de seus olhos, foi ferido seu amado (com quem havia jurado se casar) numa emboscada preparada por seu inimigo dom Luís, pois este também cobiçava, em vão, seu amor. Arnaldo, depois de gravemente ferido, foi levado por um criado para longe do local. A donzela, olhando a intensidade dos ferimentos, acreditou que Arnaldo estivesse morto. Para vingá-lo, mata dom Luis. Depois vai embora de sua terra a perambular, sozinha, pelo mundo; tudo para manter a palavra dada e a fidelidade a Arnaldo. E para que fosse mais fácil manter seu juramento de não se casar com nenhum outro, já que era muito bela e cobiçada, decidiu vestir-se de homem e, autodenominando-se Leandro, partiu mundo afora empreendendo uma peregrinação sem rumo.

É perceptível, portanto, que, ao longo da obra, Pires de Rebelo tanto remete de forma dissimulada o leitor às condições de produção que emascaram as progressões transgressoras da construção da protagonista, quanto coloca esse mesmo leitor frente a procedimentos de formação de um processo conduzido pelo duplo universo discursivo de Florinda/Leandro, em que o sujeito-discursivo (SD) protagonista permanentemente se vê envolvido com um Real – na concepção lacaniana -, inapreensível e resistente à simbolização, mas que é o eixo que o sustenta discursivamente na configuração de um sujeito Outro que lhe é constitutivo. Cabe destacar que o “Outro” remete à rede de significações anterior e posterior ao sujeito e da qual este depende para se constituir; já o “outro” se refere ao sujeito empírico, à pessoa a quem o sujeito se dirige.

Ao imaginar-se com uma segunda identidade, a do Leandro, Florinda que, sendo mulher, sabe esgrima, é culta, fala várias línguas e tem destreza para andar a cavalo – assume-se no Outro de si. Vê-se portadora de uma identidade discursiva distinta, até então oculta na sua aparente unidade discursiva, a de uma engenhosa donzela da nobreza espanhola, porém nunca conseguirá abarcar o Real que a engendra como donzela-peregrino.

Justamente ao assumir características do Real tal como ela imagina ser, essa segunda identidade discursiva de Leandro passa a ser a primeira. Configura-se, dessa maneira, a divisão do sujeito-donzela-peregrino sobre a contradição que é própria do Real, qual seja a de

não ser a totalidade que sugere ser, mas existir condicionado às falhas constitutivas, aos vácuos, às fissuras pelas quais partes dele escapam.

Florinda se desloca de um Real, aquele de sua prática discursiva cotidiana, a outro, aquele gerado pelo desejo constitutivo do sujeito de manter-se solteira. Ela jurou manter a palavra dada a seu amado Arnaldo (que, para ela, estava morto) e ser fiel sempre: “Como ela fosse tão firme e constante que antes esperaria a morte que quebrar sua palavra” (REBELO, 2006, p. 67). Ela não quer quebrar sua promessa de amor por nenhum motivo, o que fica evidente quando afirma: “tenho tanto amor que nem a morte será bastante para o desfazer; porque como ele tenha fundado suas raízes em a alma, e esta não tenha fim, com ela sempre eternamente durará” (idem, p. 60).

Por manter firmemente sua promessa, Florinda renuncia a dois valores exponenciais que conformam sua primeira identidade discursiva. Ela deixa de lado sua beleza quando se traveste e abandona suas riquezas. Se aquelas lhe outorgavam o sentimento de pertencimento à sua comunidade – formação discursiva primeira -, a da nobreza espanhola, sua segunda identidade discursiva, lhe permitira conquistar um espaço exclusivo ao gênero masculino e, assim, sentir-se pertencente à comunidade discursiva dos homens como intelectuais, guerreiros, e no geral em posições de poder.

Assim, os aspectos da análise do discurso que trataremos no presente trabalho estão dados em primeiro lugar pelas condições de produção, do lugar em que o dizer e o dito têm um papel essencial nas posições do sujeito donzela-peregrino/herói. Outro aspecto resultante da decisão tomada por Florinda remete às noções de ideologia e de forma-sujeito³. Ao abandonar sua casa paterna, ela se afasta de uma forma-sujeito específica, a da bela donzela da nobreza, e ingressa em outra, a dos aventureiros peregrinos. A ideologia em que se assenta a forma-sujeito própria da FD das nobres donzelas difere daquela que conforma a FD em que se movem os peregrinos sem rumo.

DESIDENTIFICAÇÃO E CONTRAIDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

A escolha feita por Florinda apresenta uma fragmentação em seu discurso anterior, instaurando a diferença e a divisão próprias da heterogeneidade e da contradição, Eni Orlandi explicita esse fenômeno assim:

³ Na obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1995), Michel Pêcheux explica que a expressão “forma-sujeito” é introduzida por L. Althusser e esta indica que “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir *da forma de sujeito*”. Portanto, a ‘forma-sujeito’, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais.

É preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (ORLANDI, 1999 p.52).

O universo discursivo em que Florinda existe é, portanto, marcadamente instável, resultado dos múltiplos sentidos/incompletudes dos sujeitos discursivos donzela da nobreza espanhola, pertencente a uma realidade do gênero feminino histórica de transição, como, aliás, é a realidade da Europa na época de inscrição da *Constante Florinda I*, século XVII.

Desde o século XVI, muitas mulheres liam e falavam fluentemente o latim, o grego e algumas assumiam o papel masculino enquanto chefe de família, mães, viúvas, governantes. Uma delas, Joana d'Arc (travestida como soldado), inverteu uma situação militar e repôs a França no seu destino. Isabel, a católica, soberana e autoritária, não permitiu que seu marido governasse Castela. Catarina de Médicis foi a principal personagem da história francesa, por outro lado, Teresa de Ávila foi uma grande escritora mística e umas das principais responsáveis pela renovação católica. Esse novo lugar concedido à mulher, explica-se pelo desenvolvimento da vida na corte, que pregava o aumento das damas de companhia, com o intuito de ornamentar o palácio e para isso, seria necessário instruí-las. Um avanço fundamental na recepção feminina, visto que sempre exerceram seu papel, só não eram reconhecidas.

O discurso literário de Pires de Rebelo resulta dessas condições de produção. É efeito dessa circunstância socioideológica de renovação para a mulher e se manifesta pela voz do sujeito-discursivo Florinda. São altamente preponderantes os efeitos da nova FD sobre o SD Florinda, até o ponto dela se desfazer de sua identidade discursivo-temporal-histórica para assumir uma outra, a do espaço discursivo em que sai de um âmbito fechado para uma vida de iniciativas e decisões próprias, o qual não era permitido às mulheres da época na sua condição.

A descontinuidade discursiva de Florinda se materializa quando ela se despe dos resquícios de sua identidade anterior, quando se trasveste. A jovem troca o bem material, concreto, representativo de um saber específico do domínio da FD1 pelo bem imaterial e simbólico que lhe permitirá mobilizar-se socialmente e ter autonomia de ir e vir, abandonando uma identidade discursiva que já não a satisfaz. Como um outro “si mesmo”, esse sujeito-discursivo desloca-se para uma outra posição-sujeito, portando uma voz discordante da primeira. Ele surge discursivamente disperso. Colocando-se nesta nova FD, identificada como FD2, como um sujeito discursivo que deseja ser e proceder como o sujeito discursivo Leandro (peregrino sem rumo), Florinda assume uma posição-sujeito identificada com outro domínio de ação. Essa condição, ao mesmo tempo em que lhe permite, mesmo temporariamente,

restaurar uma atualidade discursiva à figura masculina, proporcionando-lhe visibilidade e continuidade simbólica, também representa a instauração de um acontecimento discursivo novo.

Certamente, quando Florinda se traveste, o acontecimento discursivo se materializa. Ela deixa de ser quem era até aquele instante, assume-se em uma outra identidade discursiva, a de Leandro. Essa transformação discursiva de sujeito donzela rica passa a uma nova posição discursiva torna-se sujeito-donzela-peregrino de um discurso que combina realidade, transgressão e reivindicação, memória e atualidade.

Faz-se outro objeto significativo, com nova identidade, assumindo posições-sujeito diversas, respostas ao contexto discursivo pleno de conflitos que marca o espaço sócio-histórico europeu da época.

Transformada em Leandro, Florinda se torna protagonista de um novo acontecimento discursivo. Desidentifica-se com a forma-sujeito primeira, passando a se identificar com uma outra, a da FD2 em que acaba de ingressar. Esta lhe permite protagonizar uma contraidentificação com posições-sujeito diversas, insurgindo-se, começa vivenciar aventuras que se relacionam dialogicamente com as do herói Amadis de Gaula.

O livro aborda a transformação da protagonista Florinda em Leandro, comparando-a com a conversão de Amadis de Gaula em ermitão:

E despojando-se de seus vestidos (qual outro Amadis de Gaula fez dos seus tomando um hábito de ermitão por uma falsa nova que de sua amada Oriana lhe haviam dado) e vestindo-se com o outro de homem que comprado tinha, se desceu abaixo abrindo as portas com muita cautela, e tomando o mais ligeiro e fermoso cavalo que seu pai tinha lhe pôs uma rica sela, e por uma secreta porta do jardim se saiu fora (REBELO, 2006, p.68).

Florinda (SD1), travestida em Leandro (SD2), enfrenta agitadas aventuras mascaradas na denominação de infortúnios. Depois de ter conseguido sua vingança e ter fugido da casa paterna, novamente tem que matar, mas dessa vez o morto é um leão, isto para proteger sua vida. Seguidamente é escolhido para ser juiz numa briga de varões. Também, participou de uma competição com quatro letrados, sendo reconhecido e admirado por seu bom desenvolvimento intelectual. Morou numa ermida adquirindo sabedoria em condição de ermitão. E também foi preso várias vezes. Numa de suas prisões solicita ajuda da irmã do duque que o aprisionou, por meio de uma carta. Para conseguir seu propósito, compara sua situação com uma acontecida a Amadis de Gaula:

Bem sei que direis há de estar o que peço na mão do Duque, meu senhor, e não em a vossa. Mas a isso respondera, que pera fazer bem não há dificuldades, e todos os inconvenientes atropela que quer remediar males. Não faltavam estes à piadosa Bravanda, irmã daquele fero e espantoso encantador Archalaus, quando tendo em

ásperas prisões metido ao esforçado Amadis de Gaula, a quem confessava por seu capital inimigo, pois tinha pregado em as portas de seu castelo um cartel de aviso, em o qual ameaçava a que o soltasse da prisão em que estava com o mesmo castigo que para ele aparelhava, que por buscar novos modos de tormentos se lhe dilatava a vida; quando atropelando tão grandes dificuldades deu ordem com que Amadis se saísse uma noite, pondo outro com seus vestidos na prisão, e ele se foi e ficou livre (REBELO, 2006, p.162).

Note-se, que o SD2 tem um percurso de aventuras “infortúnios”, similar ao do herói de cavalaria Amadis de Gaula. Na descrição de sua forma-sujeito faz-se citações diretas ao herói, intertextos, compreendidos como o conjunto dos fragmentos que ele cita efetivamente referentes ao protagonista do romance homônimo. Desta forma, percebem-se as relações intertextuais entre Florinda e Amadis.

Amadis de Gaula teria surgido na Península Ibérica em fins do século XIII ou da primeira metade do século XIV. Trata-se de um romance de autoria incerta, que se torna o máximo expoente dos valores cavaleirescos peninsulares. Para Massaud Moisés Amadis de Gaula é o precursor do herói moderno. O autor explica que nesta obra:

Nascem os conflitos que agitam Amadis, não os padronizados pela tradição, mas os dum homem complexo, denso psicologicamente: o homem medieval começava a ceder vez ao homem concebido segundo os valores renascentistas, que então entravam a predominar. Amadis anuncia o herói moderno, de largo curso e influência no século XV e no XVI, servindo de elo entre um mundo que morria, a Idade Média, e outro que despontava, a Renascença (MOISÉS, 2003, p.47).

Evidencia-se que o sujeito Leandro (SD2) não refuta a FD2, em que se inscreve como peregrino sem rumo, mas cria um outro acontecimento enunciativo no interior dela, um novo modo de enunciar os sentidos no interior de uma formação discursiva, ele segue a linha de atuação do herói Amadis de Gaula, figura representativa dos livros de cavalaria.

Nesse nível dá-se uma intertextualidade interna, a qual se associa a uma memória discursiva. Esta memória permite a circulação de formulações anteriores, já enunciadas, as narrativas dos heróis de cavalaria. E essa memória que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscorso da FD2, o aparecimento da transformação de enunciados pertencentes à outra formação discursiva.

É de grande importância, considerar que Pires de Rebelo usa diversos artifícios para que a personagem Florinda apareça adaptável, porém com atitude reivindicativa e seja uma renovação da figura feminina da literatura da época. Como já foi mostrado, ao longo da narrativa, várias vezes se faz alusão por meio de intertextualidade explícita e implícita a passagens da história do cavaleiro herói Amadis, sendo, pois, uma referência de comportamento, na condição de sujeito-discursivo. É pelo discurso do sujeito-referência,

Amadis, que são enaltecidos a força, coragem e comprometimento de ajudar ao próximo próprios de Florinda.

Por outro lado, o autor, na criação de sujeitos-discursivos diferentes para Florinda, faz desses sujeitos materializações de uma fragmentação discursiva que provoca diferentes efeitos de sentido em espaços discursivos variados. Nesses espaços de construção discursiva, acontece o encontro simbólico da mulher/trasvestida que tem autonomia de agir como os homens com a mulher/trasvestida que tem qualidades de herói.

De acordo com Eni Orlandi (1999) a condição da linguagem é a incompletude. A autora explica que nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Estes se constituem e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível.

Ao transformar-se em Leandro, Florinda, um sujeito discursivo incompleto e heterogêneo, vai à busca do Outro em que ele é. No entanto, Leandro é, ele próprio, a expressão de falta e da incompletude constitutiva de Leandro.

No seu vago andar o sujeito discursivo Leandro entra trabalhar como pajem do príncipe Aquilante. A sua beleza no traje de homem parece irresistível a tal ponto que a princesa Boemunda enlouquece de amor por ele. Ao descobrir o desvairo da princesa, o príncipe corre a cravar um punhal em Leandro, que só consegue se livrar da morte rasgando seu vestido e mostrando ao príncipe os seios de mulher. Retornando à posição SD Florinda diz “Aqui verás, bom príncipe, se mereço esses nomes que dizes e a morte que me dás”. A reação do príncipe é relatada assim: “Quando Aquilante viu a fermosura de suas carnes e grandeza de seus peitos, conferindo tudo com a perfeição de seu rosto conheceu claramente que era mulher” (REBELO, 2006, p.248). Ao tornar a ser Florinda, ratifica o acontecimento discursivo que protagonizara. Materializa-se nesse instante a passagem desse acontecimento discursivo a um novo estágio, ao de operador de uma memória social.

Quando Leandro manifesta para o mundo ser mulher, Leandro passa a ser parte de uma história acabada. Torna-se, portanto, sujeito-discursivo inscrito na memória social. Esse sujeito-discursivo, que até então existira como um efeito da promessa de fidelidade de Florinda ingressa no âmbito do interdiscurso. Cabe lembrar que interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos (ORLANDI, 1999, p. 33).

Seguidamente à revelação de Leandro ser Florinda, os duques de Florência criaram afeição por Florinda e decidiram protegê-la. Devido sua beleza muitos nobres a cortejam. E os

duques para evitar pelepas entre os pretendentes, armam uma justa de vinte e quatro cavaleiros, doze contra doze: Florinda terá que se casar com o vencedor. Mas, há um cavaleiro a mais, misterioso, desprezado pelos demais. Ele os desafia a todos e ganha. Os duques chamam o vencedor à sua presença, como ele está com o rosto encoberto Florinda não o reconhece e finge aceitar para não indispor os duques, mas tem intenções de não se casar com esta pessoa como explica o narrador no seguinte fragmento:

E, Florinda, seu pensamento de várias imaginações com que o tinha preso, para que pudesse fingir-se alegre e não fosse ocasião de o Duque dar em alguma suspeita do que tinha intentado, estribada na palavra e condição que lhe prometera de mandar provar por mais quatro dias o esforço do que fosse julgado por esposo seu; no qual tempo tinha determinado ausentar-se e em nenhum modo quebrar a fé e promessa que havia dado a seu antigo Arnaldo, pela guarda da qual havia passado tantos infortúnios e trabalhos (REBELO, 2006, p. 302).

Porém, para surpresa de todos, esse homem que ganhou o direito de se casar com Florinda resulta ser Arnaldo. Assim, conclui-se que a constância de Florinda premiou-se com o reencontro de seu amor:

E esta é a história da firme e constante Florinda, e de seus trágicos infortúnios, os quais não foram bastantes para que lhe fizessem quebrar a palavra e fé que a seu querido Arnaldo dera, antes permanecendo firme e constante veio no fim alcançar o doce fruto deles, acompanhado de tantos bens e alevantada com tanta honra como havemos dito (REBELO, 2006, p.162).

Florinda depois de ter vencido nas suas batalhas (ter vivido tantos infortúnios), mobilizando-se entre os sujeitos discursivos donzela e peregrino, reencontra seu amado, assim como o herói Amadis que no fim de suas façanhas casa-se com sua princesa Oriana. Note-se que o final feliz da história de Florinda traz em si uma memória. Se a observamos do ponto de vista do amor cortês, o final predecível era o reencontro dos protagonistas. Por outro lado, com a frequente justificativa de ser fiel a Arnaldo, ela se insurge e faz sua vontade, como demonstrado no episódio em que ela aceita que os duques lhe procurem um marido, porém com a intenção de fugir e manter-se solteira pela promessa que fez. O fato de que Florinda só seja constante à promessa que ela fez para si mesma de ser fiel ao Arnaldo, mostra transgressão de sua parte às convenções sociais da época inscritas na obra.

Florinda se mantém obstinadamente fiel a Arnaldo, embora ele mesmo antes de ser atacado por dom Luis tenha expressado que todo contrato e promessa são desfeitos pela morte:

Porque vivo de vosso amor muito interessado, e assim de não ter nunca outro faço prometimento (...) nunca faltarei com esta que vos dou de ser vosso esposo, ainda que todos os contrastes do mundo se ponham de pormeio, não o tomando entre eles a morte, porque com esta dão fim palavras, quebram-se votos, fenecem firmezas,

não têm lugar promettimentos, ficam frustradas as esperanças, mortificados os sentidos, e de todo deitados por terra amorosos desejos (REBELO, 2006, p.63).

Porém ela não quer quebrar sua promessa de amor por nenhum motivo, porque ela escolheu Arnaldo e não vai permitir que ninguém escolha por ela, o que fica evidente quando após a separação trágica dos amantes, Florinda reforça seu juramento de amor:

Fez nova protestaço e prometimento de se não deixar nunca possuir de outro, pois não merecera ser esposa do original dele: porque entendia que semelhante na fermosura, gentileza, esforço e boas partes não o teria o mundo, contentando-se só de sua imagem e retrato, enquanto o céu dispunha de sua vida: o que cumpriu à risca como constante e firme, cousa que em poucas se acha; porque o comum das mulheres é serem-no só em serem mudáveis. E porque esta nunca o foi, é bem se diga dela e denuncie o mais generoso peito, e donde o amor mais puro e firme se achou que quantos ocuparam coração humano (REBELO, 2006, p. 72).

A constância da protagonista vai de encontro com o estabelecido socialmente e por isso é incompreendida, como se mostra no capítulo XXXII quando Leandro, ou melhor, Florinda (pois já havia revelado ser mulher para salvar sua vida), em Nápoles, tinha rendido aos seus pés o príncipe Aquilante. Este poderoso moço, queria apaixonadamente o amor de Florinda e desprezava as razões da fidelidade dela a seu amado morto, tentando convencê-la da seguinte maneira:

A desculpa que me dais em a vossa não é bem que aceite, pois não tem rezão em que se estribe: quando fora vivo o senhor que dizeis de vossos cuidados e ausente lhe guardásseis fé, alguma tínheis, mas quando já sacrificado no altar de vosso amor acabou a vida, ficais de todo desobrigada, porque todas as leis dela por morte acabam (REBELO, 2006, p. 257).

Porém, as súplicas do príncipe não foram suficientes. E sua obsessão por Florinda fez com que ela fosse posta por mandado do rei em uma torre com guardas. Mesmo encarcerada na torre, o príncipe Aquilante insistia em tentar conquistá-la e enviava-lhe cartas, das quais recebia como resposta rejeição. Mas, ele acreditava “ser próprio de mulheres quererem ser rogadas, só a fim de ficarem senhoras de liberdade alheia” (idem, p. 259). Por isso não renunciava a seu propósito de conquistá-la tendo como forte argumento o seguinte:

Servindo-lhe também de fundamento a impossibilidade de uma mulher moça e tão fermosa não querer gozar de regalos do mundo só por cumprir a palavra de guardar fé a um morto, quando comumente a não guardam a um vivo (REBELO, 2006, p. 259).

Florinda mostrou-se impassível e imutável, posição que traz os efeitos apensos: 1. Nos deslocamentos do sujeito da protagonista se mantém o fundamento idealizado do amor cortês, porém existe transgressão da figura feminina das narrativas seiscentistas, com um afinamento moderno na forma de narrar uma história de amor que perpassa a morte e 2. Nos sujeitos

fragmentados se enaltece a coragem da mulher nas formações discursivas donzela, mulher travestida e mulher que transgrediu todas as normas estabelecidas, seguindo um percurso de herói, e retorna a sua posição de sujeito donzela da corte. Em resumo, existe uma mobilização dos sentidos das ações femininas. O autor expõe atividades que uma mulher não poderia realizar, por isso a necessidade de se travestir, no entanto a protagonista busca sua reivindicação em todas as formas-sujeito que assume.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posição em jogo da protagonista da obra seiscentista *Constante Florinda I*, é do engenho, da adaptabilidade e da atitude reivindicativa, porém executando uma profunda renovação. Desse modo, ao fazermos essa “leitura” estamos propondo ir além das evidências, do que fica na superfície das evidências. Com isso queremos dizer que a visão progressista da mulher oferecida através dos diferentes sujeitos discursivos filiados a Florinda é apresentada a partir do recurso da captura das convenções sociais, da utilização de um quadro social cotidiano de valoração positiva do masculino e de aspectos facilmente reconhecíveis pela maioria dos leitores dentro das obras do século XVII. É uma forma de conexão com o Real para captar sua atenção e a partir daí, poder apresentar uma ideologia reivindicadora da mulher, por meio da criação de um espaço fictício representado pelo traje. O travestismo converte-se, assim, em metáfora da força que permite a luta contra a estagnação da sociedade e que retorna à mulher a vitalidade inerente a ela como ser humano.

Para se perceber isso, basta constatar que Florinda desde o começo da narrativa transgrede as atividades e os espaços destinados ao seu gênero, ela defende sua própria honra e se enfrenta à autoridade masculina. Cabe ressaltar que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos. A relação intertextual dos sujeitos inerentes a Florinda com o herói Amadis de Gaula produz enunciados de uma posição na história que alinha sentidos da mulher guerreira e da contravenção desta às convenções sociais impostas. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi.

Considerando as circunstâncias da enunciação, temos que o contexto imediato da obra é o Barroco português de uma sociedade proeminentemente masculina e conservadora. Por isso, o autor usa certos recursos para inserir nela sua proposta de reivindicação feminina. O travestismo torna-se assim, desde uma perspectiva ideológica, um recurso primordial para a

apresentação de aspectos relacionados com o tema da mulher ante um leitor barroco, tais como: a ideia de uma mulher fora dos estereótipos da época, dona de si e defensora de sua própria honra.

REFERÊNCIAS

- BRANDAO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, 1971.
- LOBEIRA, João. *Amadis de Gaula*. Seleção, tradução, argumento e prefácio de Rodrigues Lapa. 6. ed. Lisboa: Seara Nova, 1973.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 2. ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.
- REBELO, Gaspar Pires de (1625). *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*. Org., e notas de Nuno Júdice. Lisboa: Teorema, 2005. 514 p.
- _____. (1625). *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*. Org., notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo, 2006. 394 p.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1982.